



COINTER PDVAgro 2022

VII CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Edição 100% virtual | 29, 30 de nov a 1 de dez

ISSN: 2526-7701 | PREFIXO DOI: 10.31692/2526-7701

ETNOBOTÂNICA EM CAATINGA HIPERXERÓFILA: CONHECIMENTO E USOS DA FLORA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO SERTÃO PERNAMBUCANO.

ETNOBOTÁNICA EN CAATINGA HIPERXEROFÍLICA: CONOCIMIENTOS Y USOS DE LA FLORA EN UNA COMUNIDAD RURAL DEL SERTÃO PERNAMBUCANO.

ETHNOBOTANICS IN HYPERXEROPHYLIC CAATINGA: KNOWLEDGE AND USES OF FLORA IN A RURAL COMMUNITY IN THE SERTÃO PERNAMBUCANO.

Apresentação: Comunicação Oral

Ana Cristina da Silva Alves¹; Aretuza Bezerra Brito Ramos²; Geraldo Martins de Oliveira Júnior³

DOI: <https://doi.org/10.31692/2526-7701.VIICOINTERPDVAgro.0162>

RESUMO

O uso das plantas para fins medicinais, utilizando estruturas como as folhas, flores, caules, sementes e raízes, correspondem a um conjunto de saberes que sempre foi uma das principais estratégias manipuladas pela população para curar e/ou aliviar algumas doenças. É válido destacar que essa atividade vem sendo passada, na grande maioria dos casos, de geração em geração. Assim, este trabalho objetivou analisar os conhecimentos etnobotânicos dos moradores de uma comunidade rural, principalmente a flora local, ressaltando o propósito de utilização e as fontes de obtenção dos saberes. Para isso, foi planejado e desenvolvido um questionário acerca do uso e dos conhecimentos adquiridos acerca das plantas medicinais, esse questionário foi aplicado para alguns moradores da comunidade Caracol, que fica localizado na área rural do município de Serrita, Pernambuco. Logo, foi possível observar e identificar os conhecimentos e finalidades acerca das diversas possibilidades para o uso das plantas. Percebeu-se, a partir dos resultados obtidos, que os moradores apresentam um arcabouço prático de conhecimentos sobre plantas medicinais. Foram identificadas 37 espécies vegetais utilizadas pelos indivíduos, sendo que a erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson) foi a mais citada. Em relação às formas de uso das plantas medicinais, o chá (66%) apresentou o resultado mais expressivo. No que diz respeito às partes utilizadas, as mais citadas foram às folhas (46%) e a casca (26%). Desta maneira, a medicina popular, como saberes e tradições que ao longo dos anos trazem benefícios para a sociedade, representa um importante caminho no desenvolvimento da ciência e humanidade.

¹ Licencianda em Ciências Biológicas, FACHUSC, cristinaanasalves@gmail.com

² Ciências Biológicas, FACHUSC, brito.ramos.abb@gmail.com

³ Mestre em Ensino de Biologia, UFPE, geraldo.martinsj@ufpe.com

Palavras-Chave: Etnobotânica, Caatinga, Conhecimento Popular.

RESUMEN

El uso de plantas con fines medicinales utilizando hojas, flores, tallos, semillas y raíces corresponden a un conjunto de conocimientos que siempre ha sido una de las principales estrategias manipuladas por la población para curar y/o aliviar algunas enfermedades. Cabe señalar que esta actividad se ha transmitido, en la mayoría de los casos, de generación en generación. Así, este trabajo tuvo como objetivo analizar el conocimiento etnobotánico de los habitantes de una comunidad rural, principalmente la flora local, enfatizando el propósito de uso y las fuentes de obtención del conocimiento. Para ello, se planeó y elaboró un cuestionario sobre el uso y conocimientos adquiridos sobre las plantas medicinales, dicho cuestionario fue aplicado a algunos pobladores de la comunidad Caracol, que se encuentra en la zona rural del municipio de Serrita, Pernambuco. Por lo tanto, fue posible observar e identificar los conocimientos y propósitos sobre las diversas posibilidades de uso de las plantas. Se percibió, a partir de los resultados obtenidos, que los residentes tienen un marco práctico de conocimiento sobre las plantas medicinales. Se identificaron 37 especies de plantas utilizadas por los individuos, siendo la melisa (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson) la más citada. En cuanto a las formas de uso de las plantas medicinales, el té (66%) presentó el resultado más expresivo. En cuanto a las partes utilizadas, las más citadas fueron las hojas (46%) y la corteza (26%). De esta forma, la medicina popular, como saberes y tradiciones que a lo largo de los años traen beneficios a la sociedad, representa un camino importante en el desarrollo de la ciencia y de la humanidad.

Palabras Clave: Etnobotánica, Caatinga, Saber Popular.

ABSTRACT

The use of plants for medicinal purposes using leaves, flowers, stems, seeds and roots correspond to a set of knowledge that has always been one of the main strategies manipulated by the population to cure and/or alleviate some diseases. It is worth noting that this activity has been passed, in most cases, from generation to generation. Thus, this work aimed to analyze the ethnobotanical knowledge of the residents of a rural community, mainly the local flora, emphasizing the purpose of use and the sources of obtaining knowledge. For this, a questionnaire was planned and developed about the use and knowledge acquired about medicinal plants, this questionnaire was applied to some residents of the Caracol community, which is located in the rural area of the municipality of Serrita, Pernambuco. Therefore, it was possible to observe and identify the knowledge and purposes about the various possibilities for the use of plants. It was noticed, from the results obtained, that the residents have a practical framework of knowledge about medicinal plants. Thirty-seven plant species used by individuals were identified, with lemon balm (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson) being the most cited. Regarding the forms of use of medicinal plants, tea (66%) presented the most expressive result. With regard to the parts used, the most cited were leaves (46%) and bark (26%). In this way, folk medicine, as knowledge and traditions that over the years bring benefits to society, represents an important path in the development of science and humanity.

Keywords: Ethnobotany, Caatinga, Popular Knowledge.



INTRODUÇÃO

A Caatinga é caracterizada por uma vegetação tropical semiárida, tipo xerófila e hiperxerófila, bem particular do sertão nordestino. Seu topônimo é formado por duas palavras de origem tupi: caa (mata) e tininga (seca) (CAVALCANTE *et al.*, 2018).

A vegetação da Caatinga não apresenta a abundância verde das florestas tropicais úmidas e a aparência seca dominada por cactos e arbustos propõe uma baixa variação da fauna e flora. Porém, ela manifesta grande biodiversidade de espécies e ecossistemas. No que se refere à vegetação, em muitos casos, ocorre a abscisão foliar (queda das folhas) para reduzir a perda de água nos períodos em que se encontram em estresse hídrico, renovando-as quando as chuvas chegam de forma rápida e fantástica quando a paisagem muda quase que da noite para o dia (SILVA; COUTINHO, 2017).

Mesmo em um sistema florestal devastado pela interiorização da colonização e por práticas pecuárias, a Caatinga apresenta uma variedade botânica que é utilizada por comunidades indígenas, quilombolas e grupos tradicionais (SANTOS *et al.*, 2020). A Caatinga é um dos principais biomas brasileiros, pois, entre outros fatores, apresenta significativa diversidade vegetal e inúmeras espécies são utilizadas pela população para várias finalidades, principalmente, medicinais (SOUZA, 2013).

Grande parte da população que vive na Caatinga ainda depende diretamente dos recursos vegetais disponíveis para sobreviver e, devido ao baixo poder aquisitivo dessas pessoas, as plantas medicinais acabam sendo o meio mais acessível de combate a doenças (ALBERGARIA; SILVA; SILVA, 2019).

Nesse perspectiva, a etnobotânica destaca-se como uma ciência muito importante para o estudo da Caatinga e seus recursos florestais, já que esse ramo do conhecimento analisa os saberes de populações tradicionais em relação à utilização de plantas (COSTA; MARINHO, 2016).

O uso de plantas para fins medicinais, sempre foi uma das principais estratégias empregadas por populações humanas, para curar ou aliviar determinadas doenças (DANTAS; TORRES, 2019). Dentre tantas práticas difundidas pela cultura popular, as plantas sempre tiveram fundamental importância, por inúmeras razões, sendo salientadas as suas potencialidades terapêuticas aplicadas ao longo das gerações (BADKE *et al.*, 2012).

O conhecimento repassado de geração a geração nas comunidades tradicionais, sobre os recursos terapêuticos das plantas encontradas em seu ambiente natural pode ser um



instrumento importante, como por exemplo, para indústria farmacêutica na elaboração de novos medicamentos (SILVA *et al.*, 2015).

Diante do contexto apresentado, este estudo terá como objetivo analisar os conhecimentos dos moradores da comunidade Caracol, Serrita, PE, acerca da utilização de plantas com fim medicinais, principalmente a flora local, ressaltando o propósito, formas de uso, fontes de obtenção desses saberes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde os primórdios da Terra, espécies de plantas veem sendo manipuladas para alimentação, cura ou prevenção, sendo assim uma das mais antigas atividades praticadas pelo homem (GADELHA *et al.*, 2013). Os povos mais antigos conservam o conhecimento tradicional da utilização de espécies vegetais para o tratamento de problemas de saúde, pois os mais velhos tendem a conhecer mais sobre assuntos de interesse vital para a comunidade e são respeitados pelo seu saber (BATTISTI *et al.*, 2013).

Nesse sentido, ressalva-se que o uso de plantas foi o primeiro recurso terapêutico utilizado por diversas populações em diferentes partes da Terra. Esses vegetais representam um fator de grande importância para a conservação das condições de saúde humana (PAULI *et al.*, 2018). Leite *et al.* (2015) ainda destacam que o conhecimento sobre o seu valor terapêutico vem sendo transmitido, ao longo dos tempos, de geração a geração, formando juntamente com outras práticas, um sistema médico, conhecido como tradicional (LEITE *et al.*, 2015).

Hodiernamente, essa relação apresenta-se de forma mais abrangente, incluindo, cada vez mais, estudos de saberes populares relacionados a vegetais e grupos humanos em diferentes ambientes (SIQUEIRA; PEREIRA, 2014). Segundo Freitas *et al.* (2012), a etnobotânica busca, portanto, resgatar e preservar os conhecimentos tradicionais das pessoas em relação às espécies, seus usos, manejos e relações com o ambiente. Sendo assim, esses estudos são importantes, pois permitem avaliar de que forma os moradores reúnem conhecimentos trazidos de seus locais de origem e como são transmitidas às novas gerações (CAVALCANTE; SILVA, 2014).

A percepção sobre o poder medicinal das ervas e a utilização de folhas, flores, caules, sementes e raízes correspondem a um conjunto de saberes que são transmitidos de maneira oral de geração para geração, enriquecendo o arcabouço cultural de comunidades tradicionais



(SANTOS *et al.*, 2020). Otoni (2018) reforça ainda que alguns desses povos, que formam a população brasileira, ainda mantêm seus conhecimentos tradicionais e a grande maioria deles preservam esses saberes relacionados à biodiversidade e seus mais diversos usos.

O Brasil é um país com grande diversidade biológica e cultural, sendo assim, conta com um acúmulo considerável de conhecimentos e tecnologias tradicionais, entre os quais se destaca o vasto acervo de saberes sobre o manejo e utilização de plantas medicinais (BATTISTI *et al.*, 2013).

Contudo, é preocupante o uso indiscriminado que muitas pessoas fazem das plantas medicinais, sem saber do risco, pois muitas destas plantas apresentam toxicidade elevada e precisam ser utilizadas de maneira correta, de preferência com acompanhamento médico (KOVALSKI; OBARA, 2013). Conhecer as possibilidades de uso, locais de coleta e as partes da planta utilizadas medicinalmente é extremamente importante para conservação das espécies nativas (GOMES *et al.*, 2008).

Normalmente, as plantas da Caatinga são de múltiplo uso, o que significa que, se uma espécie é utilizada como alimento, provavelmente também pode ser usada na medicina e até mesmo como combustível. Obviamente há exceções, mas essa parece ser uma característica do uso de recursos em socioecossistemas de regiões semiáridas (ALBUQUERQUE; MELO, 2018). Sabendo disso, o estudo da etnobotânica busca não só o registro do uso dos recursos vegetais presentes em determinada área, mas as formas de manejo e como são empregadas por comunidades tradicionais (SILVA *et al.*, 2015).

De acordo com Silva *et al.* (2014) a etnobotânica, como vertente da etnobiologia, especialmente com enfoque quantitativo, vem contribuindo bastante na compreensão das interações homem/planta. Desta maneira, é notório o grande papel que as populações humanas desempenham, quanto a utilização dos ambientes naturais, no fornecimento de informações sobre as diferentes formas de manejo realizadas no seu cotidiano, e a maneira como utilizam da exploração dos recursos naturais para o seu sustento, sendo tais informações indispensáveis para os planos de manejo e conservação local de ambientes como a Caatinga.

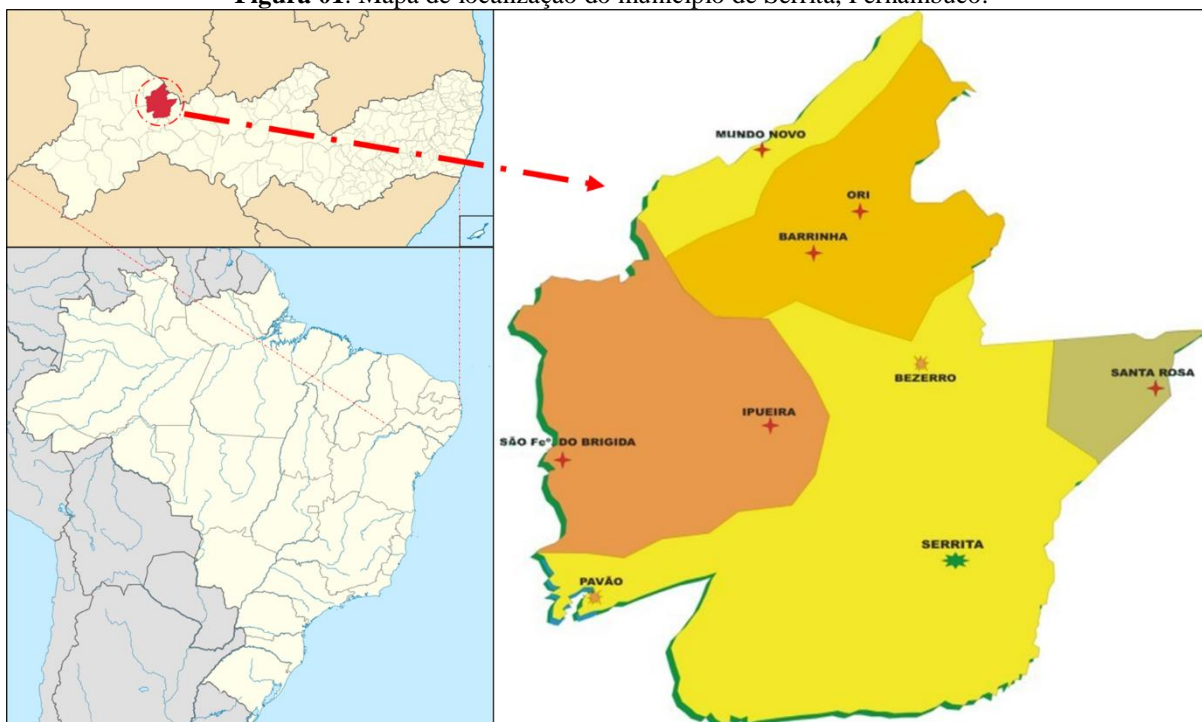
METODOLOGIA

O estudo foi realizado na comunidade Caracol, localizada em uma área rural do município de Serrita, Pernambuco (Figura 1), apresentando, o município, uma distância de 538,7 km da Capital de Pernambuco - Recife, com uma área territorial de 1.535,190km² e



uma população de aproximadamente 19.226 pessoas (IBGE, 2021). A comunidade Caracol apresenta uma distância de 2,7 km do município de Serrita, apresentando um total de 60 famílias.

Figura 01. Mapa de localização do município de Serrita, Pernambuco.



Fonte: Modificado do Wikipédia (2022).

Sendo assim, no presente trabalho foi realizada uma pesquisa de natureza quali-quantitativa, seguindo a perspectiva de um estudo de caso. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa pode ser apoiada pela pesquisa quantitativa e vice-versa, possibilitando uma análise estrutural do fenômeno com métodos quantitativos e uma análise processual mediante métodos qualitativos (SCHNEIDER; FUJII; CORAZZA, 2017).

Nesse sentido, este trabalho foi dividido em etapas, tendo como etapa inicial a elaboração do questionário, que foram formulados contendo 05 perguntas que enfocavam o uso das plantas medicinais, aspectos etnobotânicos (nome popular, fins terapêuticos, partes usadas, modo de preparo, local de coleta), onde foram obtidas, de onde provinha o conhecimento popular, alteração na quantidade dos vegetais no passar dos anos e qual o motivo relacionado a essa redução. Desse modo, o público alvo foi escolhido de forma aleatória, independente de sexo e idade, com o objetivo de analisar a transmissão de conhecimentos e o seu uso. Após a finalização das entrevistas com a população do povoado,



concluiu-se a segunda etapa e iniciou-se a etapa final, onde os dados foram tabulados e analisados de acordo com a proporção das respostas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos indivíduos entrevistados, 70, 8% eram do sexo feminino, apresentando uma média de 34,3 anos. Quando relacionado à sua escolarização, 50% dos entrevistados possuíam o Ensino Médio Completo, 17% Ensino Superior Incompleto, 13% Ensino Fundamental Incompleto, outros 13% com Pós Graduação, 04% médio Incompleto e 04% com Magistério, sendo possível observar um público misto, com amplo conhecimento tradicional. Obtendo resultados similares aos de Flor e Barbosa (2015), cujo resultado da escolaridade variou entre aqueles que nunca foram à escola; os que possuíam o ensino fundamental até a 4ª série incompleto; ensino fundamental até a 4ª série completa; Ensino Médio Completo; Superior Incompleto; Superior Completo. Neste estudo, evidenciou-se que quanto menor o grau de instrução, mais intenso é o uso e o conhecimento relativo às espécies medicinais.

A partir da realização das entrevistas, foi possível identificar um total de 37 espécies de plantas medicinais utilizadas pelos indivíduos. Dessas, foi possível comprovar que algumas das plantas medicinais tendem a ser mais utilizadas do que outras, como por exemplo, a Erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P.Wilson), Aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão), Alfavaca (*Ocimum basilicum* L.), Hortelã (*Mentha spicata* L.), Macela (*Achyrocline satureioides* (Lam.) DC.), Mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) e a Romã (*Punica granatum* L.), sendo citadas 7, 6, 6, 5, 5, 5, 5, vezes, respectivamente. Em trabalho realizado por Mosca e Loiola (2009) acerca do uso medicinal de vegetais pelos moradores de um bairro em Natal, Rio Grande do Norte, a erva-cidreira (*L. alba* (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson) apareceu como uma das plantas mais citadas.

Tabela 01: Relação das espécies vegetais coletadas na entrevista.

Nome Popular	Nome Científico	Nº de Citações
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	02
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i> L.	06
Algodão	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	01
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	06
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	01



Barbatimão	<i>Stryphnodendron barbatiman</i> Mart.	01
Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	04
Camomila	<i>Matricaria recutita</i> L.	03
Canela	<i>Cinnamomum verum</i> P.	02
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf	04
Castanhola	<i>Terminalia catappa</i> Linn	01
Catingueira	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> (Tul.)	02
Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	07
Espinho-de-cigano	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	01
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i> L.	02
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	03
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	02
Hortelã	<i>Mentha spicata</i> L.	05
Imbiriba	<i>Eschwellera blanchetiana</i> (Berg.) Miers	01
Juazeiro	<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	01
Jurema-preta	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd) poir	01
Laranjeiro	<i>Citrus sinensis</i> L./ O.	02
Losma	<i>Artemisia absinthium</i> L.	02
Louro	<i>Laurus nobilis</i> L	01
Macela	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	05
Malva-do-reino	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	04
Mamoeiro	<i>Carica papaya</i> L.	01
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	05
Mororó	<i>Bauhinia forficata</i> Linn	02
Muçambê	<i>Cleome spinosa</i> L.	01
Mulungu	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	01
Noz-moscada	<i>Myristica fragrans</i> Houttuyn	02
Quebra-faca	<i>Croton conduplicatus</i> Kunth.	01
Quixabeira	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	03
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	05

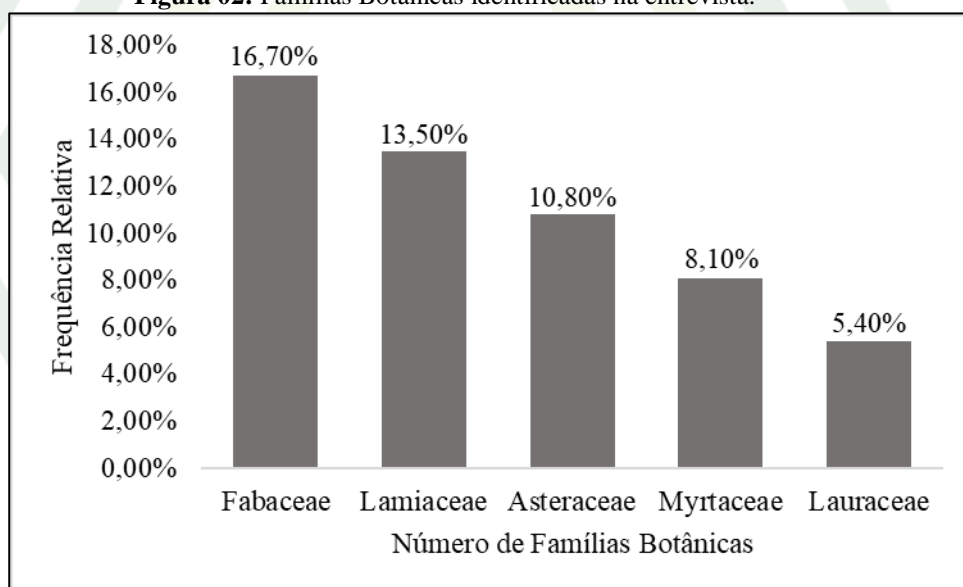


Umburana-de-cheiro	<i>Amburana cearenses</i> (A. C Smith)	03
Unha-de-gato	<i>Uncaria tomentosa</i> Willd.	03

Fonte: Própria (2022)

No que diz respeito às famílias botânicas, constatou-se que as que mais apareceram foi Fabaceae (16,70%), seguida de Lamiaceae, Asteraceae, Myrtaceae e Lauraceae, 13,50%, 10,80%, 8,10% e 5,40% (Figura 02), respectivamente. Esse resultado corroborou parcialmente com um estudo desenvolvido por Cunha e Bortolotto (2011), os quais apontam, em uma pesquisa realizada no município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, que as famílias botânicas mais representativas foram Fabaceae, Asteraceae, Lamiaceae, Poaceae, Euphorbiaceae e Myrtaceae. Ademais, Costa e Marinho (2016), ao realizarem um trabalho etnobotânico de plantas medicinais no sítio massapê, Picuí, Paraíba, também constataram que a família botânica mais citada nesta comunidade foi Fabaceae.

Figura 02: Famílias Botânicas identificadas na entrevista.

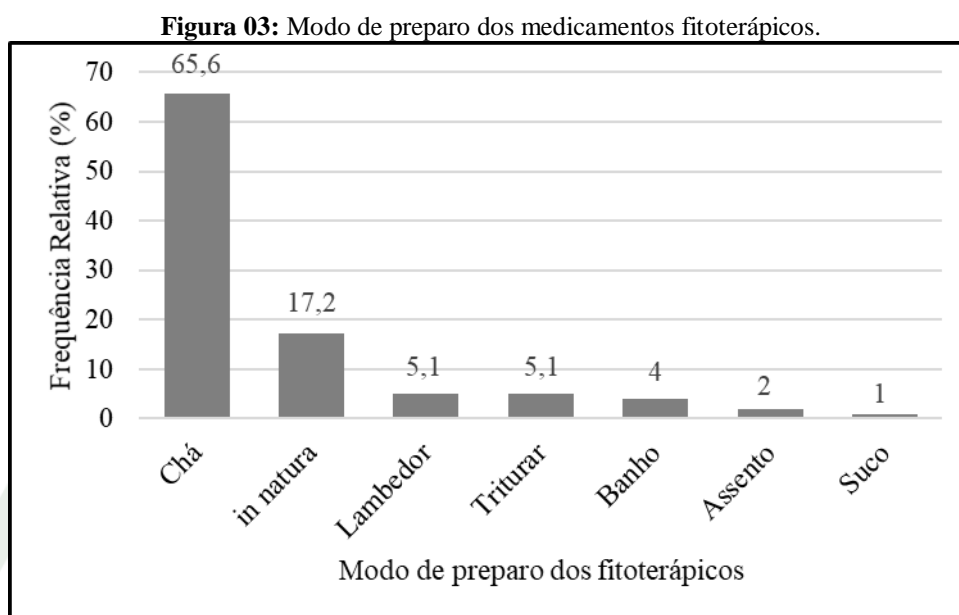


Fonte: Própria autora (2022)

As espécies medicinais citadas pelos entrevistados foram indicadas para curar ou aliviar diferentes tipos de doenças, comuns e frequentes, como: gripes, infecções intestinais, febre, infecção na garganta. Em trabalho desenvolvido por Coan e Matias (2014) observa-se que as plantas mais citadas foram aquelas utilizadas no tratamento de doenças como: doenças respiratórias (gripe, bronquite e tosse); digestivas (mal-estar do estômago, intestino); infecção no sangue, na gengiva e nos rins e compressa para dor de dente.



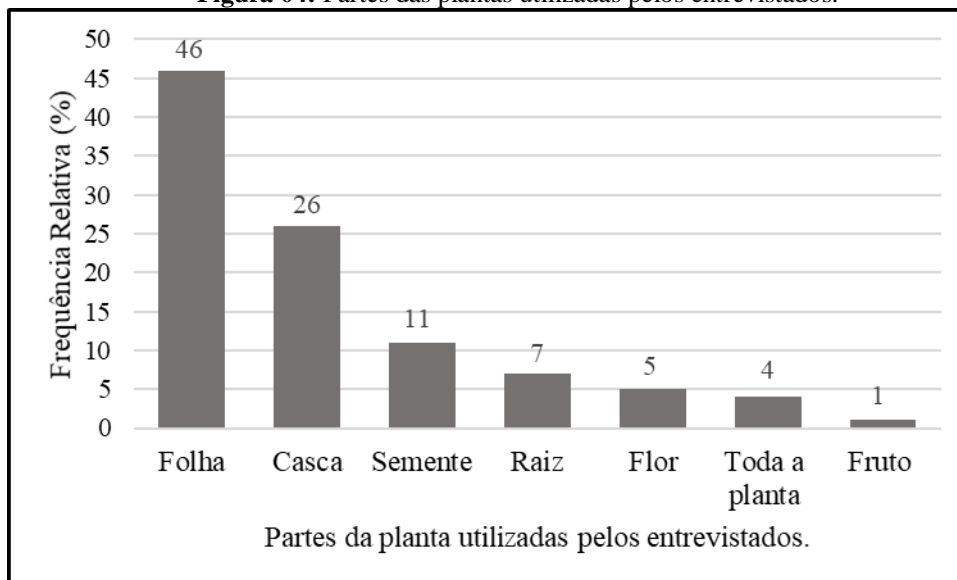
Em relação às formas de uso dessas plantas medicinais, os entrevistados citaram utilizá-las através de chás 66%, *in natura* 17% e lambedores 5% produzidos pelos mesmos (Figura 03). Negrelle e Fornazzari (2007) apontaram que, dentre as diferentes formas de preparo e uso explicitadas em entrevista realizada em Limeira e Ribeirão Grande, Paraná, a mais frequentemente mencionada foi o chá.



Fonte: Própria autora (2022)

A partir do observado na entrevista, constatou-se que as partes dos vegetais mais utilizadas pelos entrevistados para uso medicinal foram as folhas (46%), casca (26%), semente (11%), raiz (7%), flor (5%), toda a planta (4%) e fruto (1%) (Figura 04). Comportamentos similares foram observados por Linhares *et al.* (2020) que constataram que as partes vegetais mais usadas pelos feirantes do Município de São Luís, Estado do Maranhão, foi a folha (37%), seguindo-se da casca, com 23% das citações de uso. Ademais, Oliveira e Menini Neto (2012), também identificaram, ao realizar um levantamento etnobotânico de plantas medicinais no povoado de Manejo, Lima Duarte (MG), que a parte mais utilizada foi a folha, representando 43% das citações. Já Gonçalves e Pasa (2015), obtiveram resultados dissemelhantes ao analisar o conhecimento empírico dos moradores da Comunidade Sucuri em Cuiabá, MT, sobre a utilização dos recursos vegetais, em que a parte da planta mais utilizada foi a entrecasca com 45%.



Figura 04: Partes das plantas utilizadas pelos entrevistados.

Fonte: Própria autora (2022).

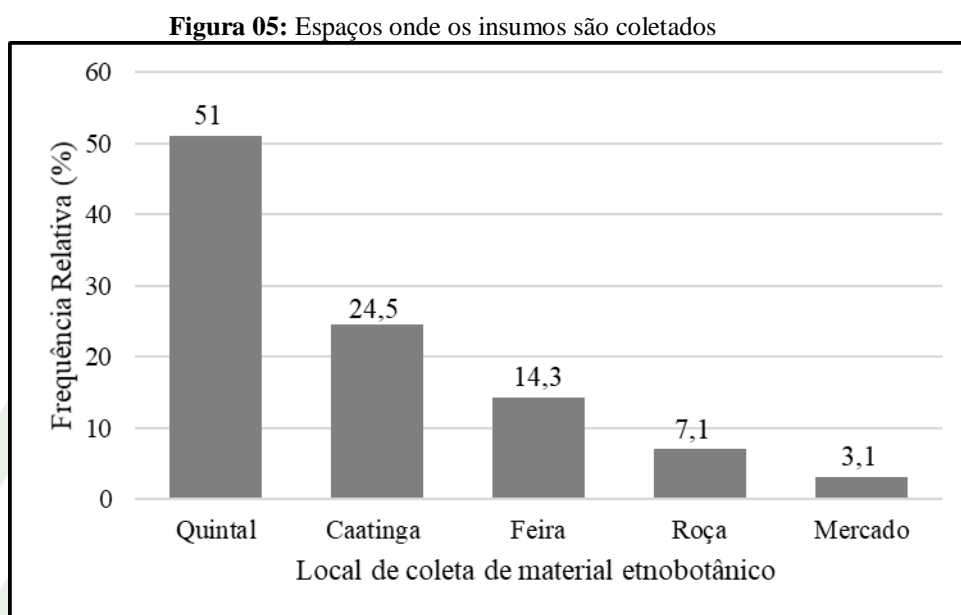
Foi possível perceber que os indivíduos da comunidade apresentam um amplo saber tradicional que tende a ser transmitido de geração para geração, quando questionados sobre a obtenção de conhecimentos, os entrevistados citaram ter adquirido com pais, avós e pessoas mais velhas. Essa transmissão de conhecimentos coincide com o pensamento de Silva *et al.* (2015), os quais afirmam que o conhecimento sobre as espécies vegetais vem sendo transmitidos socialmente ao longo dos tempos.

Além disso, nessa ocasião, os questionados ainda deram informações sobre o desenvolvimento de algumas plantas. De acordo com Costa e Marinho (2016), sabe-se que as populações tradicionais possuem uma interação muito forte com o meio a sua volta e, portanto, são detentoras de conhecimentos milenares que são repassados de geração para geração. Ademais, o uso de vegetais medicinais é disseminado predominantemente de maneira informal por meio da medicina popular, que é fundamentada em um corpo de conhecimento transmitido pelas famílias e vizinhos de maneira prática, oral e gestual (LINHARES *et al.*, 2014).

No que diz respeito à obtenção das espécies, constatou-se que os quintais de casa são utilizados pela maioria dos informantes (51%) para obtenção dos vegetais, em seguida vem a



Caatinga (24%), a feira (14%), os comércios (10%) e a roça (mato (7%) (Figura 05). De acordo com Giraldi e Hanazaki (2010) em trabalho realizado com moradores do Sertão do Ribeirão, SC, enfatizam que as plantas medicinais são obtidas, principalmente, nos quintais dos entrevistados e em áreas próximas, sendo que 51% das plantas são cultivadas, 34% silvestres e 15% compradas.



Fonte: Própria autora (2022).

Quando os entrevistados foram questionados se fazem uso de plantas da Caatinga, 79% responderam que não as coletam e, conseqüentemente, não notaram alterações em sua quantidade nos espaços florestais. O restante dos entrevistados, que fazem a coleta diretamente da Caatinga, puderam notar as alterações sofridas na quantidade dessas plantas em ambientes naturais. Ademais, Silva *et al.* (2015), apontam que esse tipo de estudo busca não somente o registro do uso dos recursos vegetais presentes em determinada área, mas as formas de manejo como são empregadas por comunidades tradicionais.

Quando questionados acerca dos motivos relacionados à redução dos vegetais na Caatinga, os que afirmaram fazer o uso, salientaram que os fatores são, principalmente, o desmatamento de forma descontrolada, a grande quantidade de queimadas, as mudanças climáticas que provocam secas prolongadas e também o mal uso de plantas nativas da Caatinga para fabricação de móveis e vendas em geral. Nesse sentido, Gomes *et al.* (2008) declaram que a vegetação pode ser considerada ameaçada devido às técnicas destrutivas para



a obtenção de produtos de interesse pessoal ou comercial.

CONCLUSÕES

Conclui-se este estudo, ficando evidente a importância do saber tradicional apresentado pelos indivíduos da comunidade, uma vez que esse desempenha um papel de grande importância na vida das pessoas, principalmente os que residem na zona rural, devendo ser mantido, valorizado e difundido, crescendo sempre o ciclo de transmissão desses conhecimentos.

Diante disso, foi possível realizar um registro mais detalhado da medicina tradicional vivenciada na comunidade do Caracol, construindo um panorama dos saberes apresentados pelos indivíduos que são primordiais nos contextos cultural, social e ambiental dessa população.

REFERÊNCIAS

ALBERGARIA, E. T.; SILVA, M. V.; SILVA, A. G. (in memoriam). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em comunidades rurais localizadas na Unidade de Conservação Tatu-Bola, município de Lagoa Grande, PE - Brasil. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 137-154, 2019.

ALBUQUERQUE, U. P.; MELO, F. P. L. Socioecologia da Caatinga. **Ciência e Cultura**, v. 70, n. 4, p. 40-44, 2018.

BADKE, M. R.; BUDÓ, M. L. D.; ALVIM, N. A. T.; ZANETTI, G. D.; HEISLER, E. V. Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 21, p. 363-370, 2012.

BATTISTI, C.; GARLET, T. M. B.; ESSI, L.; HORBACH, R. K.; ANDRADE, A.; BADKE, M. R. Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 3, n. 2, p. 44-75, 2013.

CAVALCANTE, A. C. P.; SILVA, A. G. Levantamento etnobotânica e utilização de plantas medicinais na comunidade Moura, Bananeiras-PB. **Revista Monografias Ambientais**, v. 13, n. 2, p. 3225-3230, 2014.

CAVALCANTE, M. B.; ALVES, C. A. B.; SILVA, G. R.; ARRUDA, L. V. Caracterização fitogeográfica em unidade de conservação como subsídio à proteção de espécies da Caatinga. **Revista de Geociências do Nordeste**, v. 4, p. 222-234, 2018.

COSTA, J. C.; MARINHO, M. G. V. Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 18, p. 125-134, 2016.



COSTA, J. C.; MARINHO, M. G. V. Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.18, n.1, p. 125-134, 2016.

DANTAS, J. I. M; TORRES, A. M. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais em uma comunidade rural do sertão alagoano. **Diversitas Journal**, v. 4, n. 1, p. 39-48, 2019.

FLOR, A. S. S. O.; BARBOSA, W. L. R. Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do sossego no distrito de Marudá-PA. **Revista brasileira de plantas medicinais**, v. 17, p. 757-768, 2015.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A. B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 1, p. 48, 2012.

GADELHA, C. S.; JÚNIOR, V. M. P.; BEZERRA, K. K. S.; PEREIRA, B. B. M.; MARACAJÁ, P. B. Estudo bibliográfico sobre o uso das plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 8, n. 5, p. 27, 2013.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta bot. bras.** Brasília/DF, v. 24, n. 2, p. 395-406, 2010.

GOMES, E. C. S.; BARBOSA, J.; VILAR, F. C. R.; OLIVEIRA, J.; VILAR, R. C.; FREIRE, J. L. O.; LIMA, A. N.; DIAS, T. J. Plantas da caatinga de uso terapêutico: levantamento etnobotânico. **Engenharia Ambiental: Pesquisa e Tecnologia**, Espírito Santo do Pinhal, v. 5, n. 2, p. 74 a 85, maio/ agosto 2008.

GONÇALVES, K. G.; PASA, M. C. A etnobotânica e as plantas medicinais na Comunidade Sucuri, Cuiabá, MT, Brasil. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, v. 16, n. 2, p. 245-256, jul./dez. 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/serrita.html>. Acesso em: 04 de outubro de 2022.

KOVALSKI, M. L.; OBARA, A. T. O estudo da etnobotânica das plantas medicinais na escola. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 19, p. 911-927, 2013.

LEITE, I. A.; MORAIS, A. M.; Ó, K. D. S.; CARNEIRO, R. G.; LEITE, C. A. A etnobotânica de plantas medicinais no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Biodiversidade**, v. 14, n. 1, 2015.

LINHARES, J. F. P.; HORTEGAL, E. V.; RODRIGUES, M. I. A.; SILVA, P. S. S. Etnobotânica das principais plantas medicinais comercializadas em feiras e mercados de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil. **Rev. Pan-Amaz Saúde**, Ananindeua, Pará, v. 5, n. 3, p. 39-46, 2014.



MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso popular de Plantas Medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, Mossoró, v. 22, n 4, p. 225-234, 2009.

NEGRELLE, R. R. B.; FORNAZZARI, K. R. C. Estudo etnobotânico em duas comunidades rurais (Limeira e Ribeirão Grande) de Guaratuba (Paraná, Brasil). **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v. 9, n. 2, p.36-54, 2007.

OLIVEIRA, E. R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v. 14, n. 2, p. 311-320, 2012.

OTONI, T. C. O. Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas com fins medicinais e cosméticos em comunidades tradicionais do município de Araçuaí, Minas Gerais. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina. 2018.

PAULI, P. T.; RIOS, R. S.; BIESKI, I. G. C.; SILVA, J. S. Estudo etnobotânico de plantas medicinais em bairros de Juína, Mato Grosso, Brasil. **Revista Saúde Viva Multidisciplinar da AJES**, v. 1, n. 1, 2018.

SANTOS, F. S.; COSTA, L. A. F.; SILVA, W. S.; OLIVEIRA, M. F. “Prefiro plantas do que remédios”: o uso de plantas para fins medicinais no território quilombola Cajá dos Negros, em Batalha-Alagoas. **Diversitas Journal**, v. 5, n. 1, p. 235-248, 2020.

SCHNEIDER, E. M.; FUJII, R. A. X.; CORAZZA, M. J. Pesquisas Quali-Quantitativas: Contribuições para a Pesquisa em Ensino de Ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.5, n.9, p. 569-584, dez. 2017.

SILVA, C. G.; MARINHO, M. G. V.; LUCENA, M. F. A.; COSTA, J. G. M. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 17, p. 133-142, 2015.

SILVA, N.; LUCENA, R. F. P.; LIMA, J. R. F.; LIMA, G. D. S.; CARVALHO, T. K. N.; SOUSA JÚNIOR, S. P.; ALVES, C. A. B. Conhecimento e Uso da Vegetação Nativa da Caatinga em uma Comunidade Rural da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Bol. Mus. Biol. Mello Leitão**, Santa Teresa, (n. sér.) 34, p. 5-37, abril, 2014.

SILVA, R. C.; COUTINHO, S. F. S. Biomas nordestinos: um estudo no âmbito da mata atlântica e da Caatinga. **Anais do V Congresso Nacional de Educação**. João Pessoa, 2017.

SIQUEIRA, A. B.; PEREIRA, S. M. Abordagem etnobotânica no ensino de Biologia. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, v. 31, n.2, p. 247-260, jul./dez. 2014.

SOUZA, A. V. Plantas da Caatinga com potencial medicinal e cosmético. **Embrapa Semiárido-Capítulo em livro técnico (INFOTECA-E)**, 2013.

